

# humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA  
MCMLXXI-MCMLXXII



DEMOSTENE — *Discurso all'Assemblea per Ambascerie in Asia e in Grecia (Terza Filippica)* a cura di Luciano Canfora. Adriatica Editrice. Bari. MCMLXXI. 83 pp.

Já há muitos anos Werner Jaeger intitulou um interessante livro da seguinte maneira: «Demóstenes. A agonia da Grécia» (1). E aí anotava que a história de Demóstenes, colocada na perspectiva do seu tempo, é algo mais que a biografia de qualquer homem de partido, pois traz subsidiariamente consigo um destino de significado universal: a queda da *polis*, que fora a forma do estado grego por excelência ao longo do seu período clássico. Na tremenda crise que sobrevém, a luta política de Demóstenes representa um dos aspectos, uma parte da curva ondulante, com altos e baixos, dos esforços de Atenas para reconquistar a antiga posição hegemónica; e as soluções platónicas propostas para renovar o Estado representam um outro intento.

O livro de Jaeger conduz-nos, através da evolução e formação de Demóstenes, desde os primeiros ensaios oratórios até aos grandes discursos políticos. E destes, o de mais forte e amplo significado é a *Terceira Filippica*, quando, frente a Isócrates, que apresentava de novo o seu ideal de pan-helenismo sob a égide de Filipe, Demóstenes tenta convencer a assembleia de que já não há possibilidade de escolha entre a guerra e a paz — pois a guerra já está em movimento —, e de que a única e verdadeira união oportuna dos gregos só pode ter por fim o levantamento contra o macedónio invasor.

É este vigoroso discurso que Luciano Canfora traduz com minucioso e erudito cuidado. O «sumário» (digamos, a ordem do dia) pode dizer-se contido nos §§ 19-20 (p. 13), onde ressalta a imagem de um Demóstenes exemplo do político com o alto sentido das realidades, do momento oportuno (*καρρός*), da legalidade dos acordos. Fundamentalmente aponta para a recordação do passado e para os dados — os factos do presente —, inferindo uma lição que atribui ao excesso, à *hybris*, a responsabilidade do «grave perigo» em que «agora» estão «todos os Gregos» (§ 20), por culpa da sua própria fraqueza moral (§ 50).

Canfora, como o próprio título deste caderno o sugere, sublinha a utilidade do discurso, frisando que foi pronunciado na primavera de 341, perante uma assembleia, com o fim de pôr à votação um decreto — conforme argumenta nos «Complementi» aos §§ 70-76 (pp. 71-74); e realmente toda esta peça oratória vive da lógica da prova, ao serviço da nova e consciente arte psicológica de influenciar o ouvinte, que se desenvolve na Atenas do séc. IV.

Depois da versão italiana do texto, discute o A. vários aspectos e problemas com ele relacionados, a partir da «Postilla testuale», de que nos parece dever salientar-se «VI. Prospetto», sobre a estrutura do discurso, e «VII. Il venerato parigino»,

---

(1) Trad. esp. de EDUARDO NICOL: *Demostenes. La agonia de Grecia*. Fondo de Cultura Economica, México (1945).

sobre o valor atribuível, entre os 110 manuscritos conhecidos do discurso, ao Parisino grego 2934 (sigla S), para cujo texto parece dever pensar-se numa origem douta e alexandrina.

Louvemos este estudo, exemplar tradução, que, conforme se indica em nota bibliográfica inicial (p. 8), faz parte de um trabalho sobre a oratória antiga, para o qual o A. desde 1967 vem publicando várias achegas.

J. A. OSÓRIO

**GIANFRANCO SCRIMIEMI — Edizioni Salentine del Seicento nella Biblioteca «Caracciolo» di Lecce.** Università degli Studi di Lecce. Quaderni delle Biblioteca Centrale a cura di D. Valli e G. Scrimieri. I. 1972. 78 pp. e 28 gravuras.

Trata-se de um pequeno volume enriquecido com vinte e oito reproduções, dedicado ao fundo seiscentista da Biblioteca de Lecce. É uma monografia modelar, como se pode ver pelo cuidado posto na descrição das espécies referidas e na bibliografia indicada a propósito de cada uma.

Num conjunto de obras em grande parte proveniente de bibliotecas conventuais, numa região bastante afastada dos grandes centros culturais do Renascimento e do Barroco (se é lícita a designação), abunda a língua latina ao serviço dos tratados de teologia, de história sacra, de direito canónico; mas também é frequente o italiano, obviamente, vulgar em que se exprimem obras com títulos conceituosos, panegíricos, poemas religiosos, tratados de devoção, sermões, vidas. Um espectro bibliográfico que só por si seria utilizável em prospecções no campo da sensibilidade da cultura daquela região italiana do sul. Arredando, porque não estão aí representados, os livros e folhetos de cordel e dos vendedores ambulantes (esses «pliegos sueltos» e essa «littérature de colportage» para que já se tem chamado a atenção), a bibliografia referenciada transporta-nos aos anos pós-tridentinos, à vida cultural e literária apadrinhada pelos grandes senhores e instituições religiosas, por causa de quem e graças a quem se imprimem os livros de grandes portadas de que nos são dadas algumas reproduções na parte final deste trabalho.

Salientando a seriedade posta na sua execução, parece-nos dever acrescentar-se que o organizador não se esqueceu de incluir um índice de nomes para maior utilidade deste seu caderno.

J. A. OSÓRIO